

PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.*

Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 232 p.
ISBN 9786559790753 (brochura).

Abel Calisto Bendito

Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal da Paraíba (UPFB)

Palavras-chave Estudos *Queer* – Gênero – Dildo – Paul B. Preciado – História Cultural

Keywords *Queer* Studies – Gender – Dildo – Paul B. Preciado – Cultural History.

Palabras clave Estudios *Queer* – Género – Dildo – Paul B. Preciado – Historia Cultural.

Submissão

26/06/2023

Aprovação

04/06/2024

Publicação

14/06/2024

Preciado e a asfixia contrassexual do cis-tema

Corpo contrassexual, filósofo e escritor espanhol, Paul B. Preciado é uma das principais vozes da teoria queer da atualidade, possuindo contribuições nos estudos sobre corpo, sexo/gênero, sexualidade e pornografia. Entre suas obras, gostaria de citar duas, antes de entrarmos na obra analisada: *Terror Anal: Notas sobre os primeiros dias da revolução sexual* e *Testo Junkie: Sexo, drogas e pornografia na era farmacopornográfica*. O *Terror Anal* é o epílogo/prólogo escrito para uma nova edição de *O Desejo Homossexual*, de Guy Hocquenghem, conta a história do e a partir do cu e, se seguirmos essa lógica, *Testo Junkie* conta a história prostética e biomolecular da nossa era, conceituada por Preciado como farmacopornográfica; já o *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* conta a história do e a partir do dildo.

Nesta resenha o foco de análise será seu primeiro livro, cuja primeira versão foi publicada em 2002. Ao tratar do *Manifesto Contrassexual*, me voltarei ao conceito de *contrassexualidade* proposto por Preciado; ao seu pensamento acerca de práticas subversivas sexuais como o BDSM e da reapropriação de tecnologias de gênero como a terapia hormonal; à noção do dildo no pensamento de Preciado e; por último, mas não menos importante, algumas associações entre Paul Preciado, pensamento *queer* e a abordagem da História Cultural.

Com um livro rico em teoria, história e prática(s) subversivas, Preciado se propõe a destrinchar e criticar o *cis-tema* sexo/gênero, bebendo de produções pós-estruturalistas como as de Judith Butler, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e Donna Haraway. Para construir sua crítica, Preciado propõe a noção de *contrassexualidade*, um conceito em oposição radical ao *cis-tema* sexo/gênero de corpos-homens e corpos-mulheres, estabelecendo princípios de uma sociedade *contrassexual* e até, como exercício filosófico, um contrato *contrassexual* inspirado nos contratos que regem relações nas comunidades BDSM.

Mas o que é a contrassexualidade? A *contrassexualidade* de Preciado aponta para mais que rupturas na sociedade vigente, aponta para o fim asfixiado desta. Esse fim é pensado na análise crítica da mesma ordem e nas práticas subversivas propostas no livro, nomeadas como “tecnologias de resistência”, inspiradas em Foucault e em performances de *body art* já existentes. Na asfixia do *cis-tema* sexual, heterocentrado, que delimita e produz diversos corpos como marginalizados e abjetos, o autor propõe a

ascensão de uma sociedade contrassexual, pós-identitária. É interessante notar que, de acordo com o *Manifesto*, a contrassexualidade já *é*, ou seja, os sujeitos e comunidades subversivas (*hackers* dos quais falaremos mais tarde) já seriam o germe dessa nova sociedade. A sociedade contrassexual não é uma “volta à natureza”, nem mesmo um acontecimento linear, mas uma reformulação/apropriação subversiva das tecnologias sexuais, se assemelhando ao caminho que os brinquedos sexuais percorreram na era moderna e contemporânea (detalhado no capítulo “Breve genealogia dos brinquedos sexuais ou Como Butler descobriu o vibrador”).

A ficção heterocrata privilegia certas zonas dos corpos, demarcando arbitrariamente as partes como sexuais ou abjetas e privilegiando aquelas relacionadas ao corpo-homem. Preciado explica, no capítulo “O que é a contrassexualidade?”, que o pênis é configurado como centro mecânico do sexo, o prazer masculino é privilegiado, exposto, de fácil obtenção, é aquele que torna possível a reprodução e produz o impulso sexual. Enquanto o prazer feminino, definido como o clítoris e o “Ponto G”, é escondido nesse sistema e, na maioria das vezes, nem é encontrado. Assim, o sexo “natural” é o sexo hétero e cisnormativo que envolve essas partes, pênis/vagina, hierarquizando o primeiro sobre o segundo, e as formas de obtenção de prazer sexual que fogem dessa configuração são classificadas como perversões, pecados, patologias.

A contrassexualidade é, em primeiro lugar, uma análise crítica da diferença de gênero e sexo, produto do contrato social heterocêntrico, cujas performances normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas.¹

Em “Money makes sex, ou a industrialização dos sexos”, o autor se debruça sobre a história médica da diferenciação sexual. Passando pela performatividade de gênero de Judith Butler, Preciado elabora a noção do gênero como processo de corporificação dos indivíduos, a genderificação é produção do corpo. Nesse processo ininterrupto de assignificação e reassignificação, o autor deixa claro que, ao contrário do que pensam os construtivistas de gênero, não se pode determinar se a galinha ou o ovo veio primeiro: o sexo é gênero e o gênero é sexo, fabricado arbitrariamente de modo cirúrgico e social, dentro do cis-tema sexo/gênero de corpos-homens e corpos-mulheres.

A partir dessa crítica contrassexual, o autor nos mostra como as possibilidades de *hackeamento* do sexo/gênero são repletas de cruzamentos entre estratégias de paródia e transformação. Fazendo uso de Michel de Certeau, Preciado alinha a noção do historiador francês de que as tecnologias se configuram como sistemas passíveis de

¹ PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 32.

resistência, perversão e apropriação, à noção de *práxis queer* de David Halperin, que trata dessa transformação *queer* das tecnologias repressoras em tecnologias “de si”.

Usando a terapia hormonal de pessoas transgênero como exemplo, gostaria de ressaltar a noção de gênero como prótese que, fora da lógica cisgênera, se transforma para além de posições binárias de sexo/gênero. Nessa redefinida concepção de gênero como além do binário, pessoas trans não-binárias, travestis e não-conformistas de gênero dispõem-se a experimentar diversas modificações corporais com base hormonal, na medida que desejam x ou y traços físicos, desejos estes que são passíveis de transformação, e que a terapia hormonal pode ser reformulada no decorrer de sua aplicação para acompanhá-los.² Para além de receitas médicas e patologizantes, a transição hormonal e/ou cirúrgica torna-se uma tecnologia de criação na mão de pessoas T e parte de sua subjetividade.

Normalmente feito em comunidade, através de conselhos dados por pessoas hormonizadas para pessoas no início de sua transição, ou através de guias sobre TH em sites como o *Medium*. Nota-se, ainda, através de estudos de caso já correntes no meio acadêmico, que essas experimentações são feitas com e sem acompanhamento médico,³ aspecto explicitado por Preciado em *Testo Junkie*, onde o autor toma parte na experimentação pessoal de hormônios já comumente em muitos grupos de pessoas transgênero ao redor do mundo. Assim, a terapia hormonal, originalmente (como desenvolvido em “Money makes sex”) pensada junto à cirurgia de redesignação sexual como forma de tentar dar o corpo de “homem” a um homem que nasceu em corpo de “mulher”, “adequando” corpos disfóricos no binarismo de sexo/gênero, foi/é apropriada pelas pessoas T que não se conformam com as normas binaristas, e se expande, contemporaneamente, para uma tecnologia próstética de transformação fluída e experimental.

Mas voltando ao *Manifesto*, é nele que Preciado vai tratar destas apropriações transformadoras como atos de *hackear* o cis-tema sexual. Tais *hackeamentos* constroem “uma deriva radical” à heterocracia, na qual Preciado vai usar “a utilização de dildos, a erotização do ânus e o estabelecimento de relações contratuais BDSM (*bondage*, disciplina, sadomasoquismo)”⁴ como exemplificações.

2 FLEURY, H. J.; ABDO, C. H. N. “Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia.” *Diagnóstico e Tratamento*, [S. L.], v. 23, n. 4, p. 147-151, 2018.

3 O acompanhamento médico presente ou ausente é normalmente demarcado pelo quão acessível o sistema de saúde se faz ao indivíduo que passa pela terapia hormonal. Fator que geralmente evidencia as intersecções entre transgeneridade e demais marcadores sociais como raça, deficiência e/ou classe.

4 PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 42.

Certa vez, em entrevista a Judith Butler, a antropóloga cultural Gayle Rubin disse que é impossível pensar a sexualidade sem pensar em fetichismos e muito menos ignorando a história das tecnologias que seriam usadas como instrumentos de dor-prazer no BDSM.⁵ É a partir dessa fala de Rubin, citada na p. 102 do *Manifesto*, que Preciado desenvolve sua “Breve genealogia dos brinquedos sexuais”. Mas entrarei na questão dos brinquedos mais à frente; por enquanto, meu foco de análise deve se voltar à dor.

Não é surpresa que o BDSM foi/é assunto de interesse de diversos pensadores e pensadoras do corpo, do gênero e da sexualidade, como o próprio Michel Foucault e Gayle Rubin. O próprio autor, ao conceitualizar a contrassexualidade e o contrato contrassexual proposto na p. 55, se inspira nas relações das comunidades BDSM, por denunciarem a ficção dos papéis de gênero ao estabelecerem as possibilidades de subversão da lógica patriarcal homem-dominador/mulher-submissa através dos contratos consensuais entre diversos indivíduos que vão além de papéis de gênero, instituindo papéis sexuais como *escolha*. Dessa forma, o contrato contrassexual, um exercício filosófico e uma provocação do autor, traz um sabor sadomasoquista à contrassexualidade de Preciado.

A partir disso, Preciado segue o pensamento de Rubin ao pensar na história da sexualidade como história das tecnologias, dos produtos de consumo que foram/são incorporados nas práticas sexuais modernas, colocando as práticas de BDSM como “elementos essenciais da produção moderna do corpo e da relação do corpo com os objetos manufaturados.”⁶ Nesse sentido, Preciado também se inspira em Haraway, que argumentou a favor da visão de história da humanidade como história das tecnologias, enquanto conceitua nossa sociedade como uma pós-humanidade, repleta de ciborgues e, de acordo com Preciado, repleta também de próteses (dildos, telefones, linguagem, hormônios, pornografia, identidades...).

Tal história das tecnologias, apresentada brevemente em “Breve genealogia dos brinquedos sexuais”, analisa a apropriação de técnicas modernas de repressão e tortura, como, por exemplo, os dispositivos criados para impedir mãos de masturbarem órgãos e para induzirem orgasmos mecânicos na cura da *histeria feminina*. Esses instrumentos, que envolviam baterias, choques, cintos de castidade, ferros e grillhões, que mais tarde se desenvolveriam em nossos queridos vibradores; serão sucessivamente cortados, enxertados e reconfigurados, até se tornarem produtos de fabricação de dor-prazer nas

5 GAYLE, R. “Tráfico Sexual: entrevista a Judith Butler.” *Cadernos Pagu*, n. 21, p. 157-209, 2003.

6 PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 103.

subculturas gay, lésbica e de BDSM. O que seria das sexualidades alternativas sem a máquina moderna?

O corpo farmacopornográfico rompeu há muito a dicotomia natureza-tecnologia, eis os ciborgues de Haraway montados nas próteses de Preciado. Como filósofo do corpo, Preciado propõe uma nova visão sobre ele, chamando-o de corpo-dildo. Para isso, o autor continua sua linha de pensamento desenvolvida a partir de Rubin, da história das produções tecnológicas sexuais entre corpos e objetos. Assim como as apropriações e transformações *queer* de tecnologias repressoras são formas de *hackear* a heterocracia, o dildo também o é. Ou melhor, essas transformações *queer* de resistência e ruptura são dildos.

O dildo se torna uma figura central na contrassexualidade, figura que, de acordo com Preciado, tem muito a nos ensinar. Em “Dildotectônica”, vemos a descrição provocadora de uma contraciência que procura identificar os dildos na história, generalizando dessa visão do dildo, que não será chamado de “consolo” ou “pênis de plástico”, pois ultrapassa as significâncias desses termos. Em “A lógica do dildo, ou as tesouras de Derrida e Dildo” (em “Anexos”), Preciado se debruça mais sobre sua dildotectônica, demonstrando como o dildo, mesmo em sua concepção, ultrapassa o *status* de meramente um imitador/falsificação de pênis, se tornando “buraco ontológico no âmbito da lógica binária das identidades de sexo e gênero.”⁷

De tal forma, a criação do dildo demonstrava a plasticidade da ficção sexo/gênero heterocrata, desconstruindo a heterossexualidade e a supostamente natural posição de poder daqueles corpos-homens, pois “os verdadeiros pênis não passam de dildos.”⁸ O dildo é nômade e múltiplo, não pertence a ninguém, ou melhor, pertence ao ser comprado ou doado, mas ao mesmo tempo que *possui* (o orgasmo vem do dildo ou de quem o utiliza? Quem produz/dá o orgasmo em relações com dildos?), e apenas enquanto lhe é permitido. Hoje, somos agraciados com as maravilhas do dildo, os flácidos, aqueles que vibram, os transparentes, aqueles em cores *neon*, e até os que não parecem em nada com o seu suposto órgão de origem e referencial normativo. O dildo é um golpe contrassexual na heterocracia.

Usando dildos, contraproduções, paródias e apropriações, o autor não tem medo de se colocar inteiramente no texto que escreve. Inclusive, o ato de colocar-se no texto é um dos principais pontos que perpassa toda obra de Preciado, como evidente em *Um apartamento em Urano*, *Eu sou o monstro que vos fala*, e outros, algo que me

7 PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 83.

8 PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 84.

interessa muito pelas associações que podem ser feitas com a História Cultural. O autor não apenas se utiliza do “eu” em suas obras, mas transforma o próprio corpo em texto e vice-versa, como quando constrói o *body-essay* de *Testo Junkie*. O ato de colocar-se no próprio texto é uma quebra epistêmica utilizada por autores das ciências humanas recentemente, principalmente nos estudos feministas, pós-coloniais etc., e também utilizada no campo da História Cultural. A utilização do “eu” no texto quebra com a normatização do “nós” acadêmico que denota validação e autoridade ao autor,⁹ mas esconderia seu lugar social e seus marcadores de vivência mundana, tornando essa subjetividade parte de um *não-dito* na escritura da história, como cunhado pelo historiador Michel de Certeau.

Mas haveria diálogos possíveis entre contrassexualidade e história? Talvez não se pensarmos nas linhas mais tradicionais da historiografia, aquelas que produziram dicotomias hierárquicas que classificaram sujeitos históricos em escritas normativas, engendradas pelo sujeito masculino de forma a parecerem invariáveis, denotando centros e margens. Porém, como linha de abordagem, a História Cultural (e aqui refiro-me à “Nova” História Cultural pós virada-cultural dos anos 70, influenciada pelos estudos culturais de diversas disciplinas “vizinhas”) se configurou como um movimento de ampliação de fronteiras de pesquisa, alargando a possibilidade do estudo historiográfico para as subjetividades, os desejos, as sexualidades, entre outros variados temas.¹⁰ Linhas de pesquisa mais recentes nessa área já abordam os Estudos de Gênero e Sexualidade como parte constituinte de sua análise, estabelecendo diálogos inter e multidisciplinares valiosos.¹¹

Os Estudos *Queer*, que envolvem a contrassexualidade de Preciado, assim como as epistemologias sulglobais frutos de antropofagias do *queer*, como a Teoria Cu e os Estudos Cuir, entre outros, são novas epistemes que trazem em seu seio o desejo de causar rupturas na estrutura dominante de produzir saber-prazer, tirar sujeitos das margens e aproximá-los da análise histórica enquanto sujeitos subversivos que possuem agência. Os historiadores brasileiros voltados ao estudo da cultura já se debruçaram sobre a sexualidade e o desejo, principalmente através da análise de fontes inquisitoriais, e esse trabalho pode ser revisitado atualmente com o apoio conceitual dos Estudos de Gênero e Sexualidade. Algo que, inclusive, historiadoras lésbicas na academia já fazem

9 CERTEAU, M. “A Operação Historiográfica.” *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-107.

10 BURKE, P. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

11 SOUSA NETO, M.; GOMES, A. R. (Org.). *História & Teoria Queer*. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

ao se debruçar sobre sujeitas lésbicas denominadas como ‘nefandas’ processadas pelo Santo Ofício.¹²

Assim, a contrassexualidade de Preciado poderia nos ajudar a pensar, para citar apenas um exemplo, os denunciados à Inquisição no Brasil Colônia por utilizarem de artefatos sacros durante o sexo, quase ou literalmente como dildos, tornando-os blasfemos ou ainda mais sacros, a depender do ponto de vista. Mesmo a breve análise feita acima sobre as práticas de BDSM através da contrassexualidade, que poderia ser aprofundada para uma análise histórica da cultura do couro¹³ através de Preciado, é um exemplo de como variados diálogos podem ser germinados através da temática do *Manifesto Contrassexual* e da História.

Por fim, vejo o *Manifesto Contrassexual* de Paul B. Preciado como um golpe provocador dos estudos *queer* em qualquer um que esteja minimamente interessado em estudar sexualidade e/ou gênero. Bebendo de produções há muito estabelecidas como Butler, Haraway, Foucault e Derrida, Paul B. Preciado se estabelece na academia internacional, se tornando uma figura bastante lida em núcleos e grupos de Estudos de Gênero e Sexualidade. Preciado, após o lançamento do *Manifesto*, se encontra ampliando o escopo de sua filosofia para o cinema, a arquitetura e a museologia, além de tentar dar conta de novas demandas políticas e sociais, como podemos aferir em *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*, sua mais recente obra publicada.

12 Aqui, faço referência à pesquisa desenvolvida pela historiadora Jennifer Borges (CEFET-RJ), em seu TCC e sua dissertação em desenvolvimento: BORGES, J. L. S. *Sexualidade, Transgressão e Inquisição: As Mulheres Nefandas no Brasil Colonial*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2011.

13 A cultura do couro, *leather culture*, é uma subcultura muito presente dentro do BDSM que celebra práticas eróticas e estéticas ligadas ao uso de roupas e acessórios de couro. Surgida nos EUA pós-Segunda Guerra Mundial entre grupos de motociclistas gays, essa subcultura celebra práticas de dominação, submissão e outros jogos de poder eróticos, possuindo protocolos e códigos de conduta específicos, como o *banky code*. A antropóloga Gayle Rubin, citada no *Manifesto*, se dedicou a pesquisar comunidades lésbicas envolvidas na *leather culture*.